

Instabilidades da linguagem: fala, escrita e suas relações

Aline Suelen Santos Sabatini¹, Cristiane Carneiro Capristano^{2*} e Elaine Cristina de Oliveira³

¹Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, Maceió, Brasil. ²Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. ³Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: cccapristano@uem.br

O objetivo do dossiê “Instabilidades da linguagem: fala, escrita e suas relações” é o de comemorar os 25 anos do Grupo de Pesquisa “Estudo sobre a Linguagem” (GPEL/CNPq) e, ao mesmo tempo, dar visibilidade a pesquisas que têm como interesse investigar as múltiplas possibilidades de abordar o instável da linguagem, em especial, o instável que se manifesta no acontecimento da fala e da escrita e nos acontecimentos em que fala e escrita se entrelaçam, buscando mostrar, sob diferentes bases teóricas e epistemológicas, ora convergentes, ora distintas, como a instabilidade é constitutiva da linguagem.

A elaboração de um dossiê comemorativo dos 25 anos do GPEL é uma forma de dar luz à importância dos grupos de pesquisa para a divulgação, o fomento e a manutenção da ciência em nosso país. Foram os pesquisadores brasileiros, organizados em grupos de pesquisa como o GPEL, os responsáveis pela manutenção e pelo aumento da produção científica nacional nos últimos anos, mesmo em contextos marcados por cortes de verbas e pela desvalorização das ciências, sobretudo as Humanas, pelas autoridades públicas. Dados divulgados pela Fundação Maurício Grabois e construídos a partir de informações colhidas no SCIVAL - plataforma de análise de produção científica desenvolvida pela Elsevier - demonstram que, em 2024, o país teve um incremento de aproximadamente 6% em relação à produção de artigos científicos em 2023, crescimento que difere das quedas observadas nos anos de 2022 e 2023. Esse crescimento quantitativo pode ser interpretado como índice de uma retomada da produção científica do país, mas que, a nosso ver, só pode acontecer em razão do papel central e da resiliência dos grupos de pesquisa, os quais têm se configurado como eixos articuladores da efetivação do avanço e da qualificação do conhecimento científico em nosso país.

Desde a sua criação, as atividades do GPEL têm se voltado para um maior conhecimento das questões envolvidas na aquisição e no funcionamento da linguagem, tanto em contextos considerados como de normalidade quanto naqueles considerados como de patologia. O grupo tem se constituído como um espaço para o fomento, para o desenvolvimento e para a manutenção de pesquisas que buscam, de diferentes formas e a partir do exame de diferentes dados, observar, descrever e construir explicações para fenômenos que, tradicionalmente (sobretudo se considerados de um ponto de vista formal/formalista), são tidos como dificuldades, desvios, erros, irregularidades, problemas ou distúrbios de linguagem, mas que, no GPEL, têm sido conceituados como índices da instabilidade constitutiva da linguagem.

Tendo como inspiração as pesquisas desenvolvidas pelo GPEL envolvendo a instabilidade da linguagem, este dossiê abrigou tanto artigos de caráter mais teórico, em que a instabilidade constitutiva da linguagem é conceituada e/ou problematizada, a partir de diferentes enquadramentos teóricos; quanto artigos voltados para a investigação de fenômenos linguísticos, enunciativos e discursivos particulares que, de diferentes maneiras, indiciam o funcionamento do instável da linguagem, como a percepção auditiva de crianças com e sem transtorno fonológico, a implementação fonética do foco contrastivo na fala de crianças, o discurso oral-falado de crianças da educação infantil, as construções relativas na escrita de crianças em processo de letramento escolar, a relação fala/escrita na produção linguística de crianças com diagnóstico de dislexia, a segmentação no discurso oral/falado de adultos não alfabetizados e os usos de *podcast* para fins acadêmicos.

Dentre os artigos de caráter mais teórico, no artigo que abre o dossiê, de autoria de Lourenço Chacon, intitulado “O que se pode entender por instabilidades da linguagem: uma visão linguístico-discursiva”, o autor, que é também coordenador do Grupo de Pesquisa “Estudo sobre a Linguagem” (GPEL), expõe características do que, em seus trabalhos, tem conceituado como instabilidades da linguagem. Em linhas muito gerais, como nos apresenta o autor, esse conceito recobria fenômenos observados na fala, na escrita e em suas relações e que se manifestavam como “turbulências”, indiciadas, por exemplo, por hesitações (na fala), bem como por ortografia e segmentações não convencionais de palavras (na escrita).

No artigo, vemos delinear-se sua compreensão mais ampla desse conceito por meio da descrição analítica que o autor faz de 30 anos de sua trajetória acadêmica. Essa descrição é forjada por meio de uma revisão crítica de três momentos de sua trajetória: um primeiro momento no qual as instabilidades eram vistas a partir do fenômeno da duração, entendida como não apropriada, de pausas na fala de sujeitos parkinsonianos e tinham como *locus* de investigação estudos desenvolvidos na perspectiva textual-interativa; um segundo momento, marcado sobretudo por um deslocamento do *locus* da investigação (da perspectiva textual-interativa para a perspectiva discursiva de orientação francesa) e por uma expansão, já que as instabilidades passaram a ser vistas não mais apenas pelo funcionamento das pausas, mas, também, pelo de outras marcas hesitativas, como alongamentos e repetições; e, por fim, um terceiro momento, ainda mais fortemente alicerçado na perspectiva discursiva de orientação francesa e no qual as instabilidades passaram a recobrir não coincidências da língua consigo mesma, verificadas na fala e na escrita de crianças.

Como se pode vislumbrar, no artigo, o leitor irá encontrar uma apresentação de como o conceito de instabilidades da linguagem foi paulatinamente sendo construído ao longo de três décadas de investigação, por meio de sucessivos e importantes deslocamentos teórico-metodológicos. A reflexão desenvolvida por Lourenço Chacon configura-se, assim, como um balanço epistemológico para o campo dos estudos da linguagem, no qual, adicionalmente, são apresentadas e delineadas bases conceituais para o entendimento e para a investigação das instabilidades da linguagem, vistas em sua intrínseca e complexa relação com o que se pode definir como dimensões estáveis da linguagem.

No artigo de autoria de Giovane Fernandes Oliveira, o título (a saber: “A relação fala-escrita e o problema da natureza da aquisição da escrita”) já anuncia o objetivo do texto: abordar a relação fala-escrita no diálogo com o problema da natureza da aquisição da escrita. É a partir de uma perspectiva semiológica-enunciativa do vir a ser escrevente (perspectiva filiada à teoria da linguagem de Émile Benveniste (2005, 2006, 2014; 2026)) que o texto problematiza a natureza da aquisição da escrita, a partir de três princípios: (1) o das abstrações linguísticas (discursiva e sistêmica); (2) o das conversões linguísticas (discurso-sistema/sistema-discurso e as conversões fala-escrita/escrita-fala); e (3) o da aquisição da escrita como um ato de instauração na língua (da criança enquanto escrevente e leitora) e na criança (da língua enquanto sistema de signos e discurso escrito que remodela semiologicamente esse sistema).

Nessa problematização, a instabilidade da linguagem é discutida como uma condição constitutiva do funcionamento linguístico – resultante da tensão permanente entre sistema e discurso, entre fala e escrita, e não como desvio ou problema. A escrita não emerge como simples transcrição gráfica da fala, mas como reconfiguração enunciativa da língua, produzida em um campo instável de conversões simbólicas. Ao tratar da instabilidade como constitutiva do processo de aquisição da escrita, o autor desloca o foco da aprendizagem para a constituição linguístico-enunciativa do sujeito, oferecendo uma contribuição teórica significativa para os estudos da aquisição da escrita. O artigo é um convite para repensar os processos de aquisição da escrita fora de perspectivas cognitivistas tradicionais.

Na mesma direção, mas a partir de bases teóricas diferentes, Lúcia Regiane Lopes-Damasio, no artigo “Tradição discursiva para quê? Contribuições para uma abordagem linguístico-discursiva da aquisição da escrita”, busca colaborar com a proposição de uma abordagem da relação estável-instável da linguagem, com base em uma perspectiva linguístico-discursiva da aquisição da escrita. Para realizar essa reflexão, o texto mobiliza fundamentos sobre o funcionamento da língua, do texto e do discurso, trazidos da noção de heterogeneidade da escrita (como formulada em Corrêa, 2004; 2013) e dos pressupostos que definem o conceito de tradição discursiva (TD), no âmbito da Linguística Histórica, como os delineados em Kabatek (por exemplo, 2005; 2012) e em Koch (2008).

A instabilidade da linguagem é problematizada na compreensão da escrita não como sistema normativo ou técnica de codificação, mas como espaço de inscrição histórica e subjetiva do sujeito na língua. É no diálogo com o conceito de Tradição Discursiva (TD), como pertencendo ao âmbito da noção de enunciado concreto, que o texto inscreve essa noção não como um conjunto estável de formas reiteradas, mas como acontecimento enunciativo, marcado pelo traço da repetibilidade do que é fixo – estável – e lacunar – instável – na linguagem. Conforme a discussão, a TD deixa de ser apenas herança formal e torna-se lugar de produção de sentidos, constituindo-se na fronteira entre o já-dito e o por-dizer. Na reflexão promovida pelo artigo, o instável da linguagem impulsiona a dinâmica enunciativa da escrita, tornando possível que o sujeito – entendido não como origem psicológica, mas como efeito de relações discursivas – se constitua na e pela textualização.

Os demais artigos do dossiê, como antecipado, voltam-se para a investigação de fenômenos linguísticos, enunciativos e/ou discursivos particulares, que, de maneiras diversas, apontam para o funcionamento do instável da linguagem. Três deles exploram fenômenos observáveis nas práticas orais faladas. No artigo de autoria de Isabella Rodrigues Domingues, Mayara Ferreira de Assis e Larissa Cristina Berti, por exemplo, intitulado, “Identificação perceptivo-auditiva das sonorantes por crianças com e sem transtorno fonológico: efeito da subclasse e nível de gravidade”, as autoras partem de estudos que apresentam resultados divergentes sobre a superioridade do desempenho perceptual de crianças típicas em comparação com crianças com transtorno fonológico (TF), para argumentar que a divergência pode ser explicada por uma multiplicidade de fatores. Na direção da explicação, o artigo recorta dois desses fatores: a classe fonológica e o nível de gravidade do TF. O objetivo é comparar o desempenho perceptivo-auditivo na identificação das sonorantes em crianças com e sem TF e analisar se haveria um efeito das subclases (nasais, líquidas laterais e não laterais) e do nível de gravidade para as crianças com TF.

A análise dos dados aponta para certa instabilidade do desempenho perceptivo-auditivo dos grupos analisados, compreendida como característica constitutiva da aquisição linguística, especialmente no domínio fonológico, em que a formação das categorias fonêmicas (líquida lateral, nasais, líquidas não laterais) e suas representações perceptivas não ocorrem de maneira homogênea entre os sons da fala. A partir da amostra analisada, a discussão se encerra enfatizando que o déficit perceptivo-auditivo observado está associado a fatores de gravidade e características acústico-fonológicas específicas, e não ao simples fato de pertencer ou não ao grupo clínico. O artigo reforça que o nível de gravidade e a classe fonológica são fatores importantes no processo de avaliação e reabilitação de crianças com transtorno fonológico.

Geovana Soncin, Cecília Lorena Silva Guida e Fernanda Leitão de Castro Nunes de Lima, no artigo “Implementação fonética do foco contrastivo na fala de crianças: um olhar para instabilidades da aquisição prosódica do Português Brasileiro”, descrevem a implementação fonética do foco prosódico contrastivo na fala de crianças falantes do português brasileiro, analisando possíveis instabilidades no processo de aquisição do foco prosódico. Trata-se de um estudo experimental que envolveu a participação de trinta crianças, distribuídas em dois grupos etários, cuja fala foi elicitada por meio de sentenças com foco contrastivo, posteriormente submetida à análise acústica. Os resultados sugerem que o processo de aquisição do foco prosódico é gradual e marcado por instabilidades que podem ser explicadas por fatores tanto de natureza estrutural quanto funcional, ligados aos parâmetros prosódicos de natureza fonética relevantes para a caracterização do foco contrastivo no PB. As autoras destacam que esses resultados oferecem subsídios relevantes para avaliações e para intervenções fonoaudiológicas, auxiliando na identificação de alterações prosódicas em contextos clínicos infantis.

É importante ressaltar que o artigo contribui para teorias ainda pouco exploradas no Brasil, reforçando o caráter gradual e constitutivamente instável da aquisição prosódica, ao sugerir que há uma hierarquia dos parâmetros prosódicos (como frequência fundamental, duração e intensidade), a qual está intimamente conectada com a implementação fonética do foco no processo de aquisição.

No artigo de autoria de Gabriella Vicari, intitulado “A(s) ‘cor(es) de pele’ em discurso: sentidos produzidos por sujeitos-alunos da educação infantil”, o objetivo foi analisar, em discursos orais-falados de crianças, como elas se movimentam discursivamente e produzem sentidos relacionados às tonalidades de pele. Ancorado na Análise de Discurso pecheutiana, o estudo mostra que a ideologia, a memória discursiva e o contexto sócio-histórico interpelam o sujeito, sustentando tanto a reprodução de discursos dominantes quanto a emergência de sentidos possibilitados por transformações sociais.

A instabilidade da linguagem pode ser observada, especialmente, na análise que a autora faz do significante “cor de pele”, o qual se destaca como superfície de disputa, marcando a instabilidade dos sentidos quando associado a identidades negras. A autora ressalta que crianças assumem posição de autoria e aponta que os efeitos da história e dos movimentos sociais negros já atravessam seus enunciados orais na educação infantil. O artigo tem uma grande relevância acadêmica e social ao destacar a necessidade de desnaturalizar discursos que negam existências negras e de valorizar ações coletivas que abrem novas possibilidades de identificação. A autora menciona, ainda, o papel ambivalente da escola: espaço de reprodução de racismo, mas também de resistência e de ressignificação. Por fim, destaca que, na perspectiva pecheutiana, nenhum discurso se fecha, mantendo histórica e discursivamente instáveis os sentidos analisados.

Outros dois artigos do dossiê exploram fenômenos observáveis nas práticas letradas escritas. Gabriela Oliveira-Codinhoto e Roberto Gomes Camacho, por exemplo, são os responsáveis pela reflexão desenvolvida

no artigo intitulado “A acessibilidade de orações relativas na escrita inicial infantil”. Os autores investigam construções relativas na escrita de crianças em processo de letramento escolar, com a finalidade de estabelecer princípios que estariam na base da aquisição dessas construções, tendo como quadro teórico-metodológico o funcionalismo emergentista de O’Grady (2011; 2022) e o de filiação holandesa de Dik (1997a; 1997b), bem como o de Hengeveld e Mackenzie (2008). O estudo das construções relativas emergentes na escrita da criança orienta-se, dentre outros fatos, por uma reinterpretação teórica das restrições de acessibilidade, que, no artigo, excedem seu escopo tradicionalmente morfossintático, prevendo dimensões pragmáticas, semânticas e cognitivas. Ou seja, baseados no exame da escrita da criança e do que se pode entender como instabilidades presentes nessa escrita, os autores reivindicam que as restrições à acessibilidade não devem estar restritas à codificação morfossintática, em termos de atribuição de relações gramaticais, defendendo a necessidade de ampliar o escopo das motivações que atuam na acessibilidade à relativização para parâmetros de natureza pragmática, semântica e cognitiva.

A investigação se fundamenta em uma análise criteriosa de um conjunto amplo e significativo de textos produzidos por crianças em fase inicial de letramento escolar. Neste estudo, as instabilidades linguísticas são abordadas sob uma dupla perspectiva. Primeiramente, considerando-se a instabilidade inerente ao sistema linguístico (instabilidade na/da língua), a qual motiva a expansão da acessibilidade à relativização, transcendendo a codificação estritamente morfossintática para englobar parâmetros de natureza pragmática, semântica e cognitiva. Em segundo lugar, a instabilidade manifestada na própria escrita infantil ou, mais especificamente, no modo como a instabilidade sistêmica se materializa nos textos das crianças.

O artigo de autoria de Isabella de Cássia Netto Moutinho, intitulado “Patologização das instabilidades da escrita inicial: um estudo de caso à luz da neurolinguística discursiva”, tem como proposta, a partir do estudo de caso de uma criança diagnosticada com dislexia, analisar o trabalho linguístico-cognitivo envolvido na relação entre práticas orais/faladas e letradas/escritas, contrapondo-se a generalizações clínicas que reduzem as hipóteses criativas infantis a meros sintomas patológicos, como trocas, omissões, adições e inversões de letras. A autora analisa o caso de uma criança que frequentou o Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e foi acompanhada por ela. A análise tem como centro o contexto pedagógico e psicoafetivo e as particularidades da produção fonoarticulatória da criança e se edifica a partir do exame de dados que foram produzidos na escola frequentada pela criança e em sua casa.

Trata-se de um artigo que traz importantes contribuições para que possamos deslocar a relação estreita que, muitas vezes, os campos da saúde e da educação estabelecem ao relacionar marcas da instabilidade da linguagem – tais como trocas, omissões, adições e inversões de letras – a sintomas de patologia. O caso estudado pela autora ilustra a necessidade de ampliar o debate sobre a patologização da leitura e da escrita, valorizando as contribuições da Linguística para compreender a relação entre fala, leitura e escrita e para contrapor discursos hegemônicos que reduzem dificuldades de aprendizagem a transtornos neurobiológicos.

Os dois últimos artigos que compõem o dossiê exploram fenômenos observáveis no entrelaçamento das práticas orais/faladas e letradas/escritas. Tendo como fundamento teórico a noção de cadeia significante da psicanálise lacaniana e contribuições da Análise do Discurso de orientação francesa, o artigo de Leda Verdiani Tfouni e Anderson de Carvalho Pereira, intitulado “Sobre o significante em deriva e a segmentação como lugar de estabilização”, tem como proposta discutir a relação entre significante e segmentação na língua. No artigo, os autores destacam como certos cortes significantes emergem de interdições ideológicas e não apenas como “perturbações” linguísticas. Ao abordarem o vínculo entre fala e escrita, mencionam que há uma relação de alteridade entre a “forma oral” e a “forma escrita” da língua. Nessa relação de alteridade, a fala expõe o sujeito a múltiplos planos de significância e a contínuos processos de ressignificação, enquanto a escrita tenderia a estabilizar interpretações.

A partir da análise de uma narrativa oral contada por uma mulher não alfabetizada, os autores observam que o significante “cravo” mobiliza, no interdiscurso, o significante recalcado “escravo”, produzindo instabilidade na circulação dos sentidos. Essa deriva é controlada pela própria segmentação, que opera como estratégia discursiva para deslocar conteúdos históricos, como a escravidão. Os autores concluem que a instabilidade na produção de sentido emerge justamente do movimento entre o que é dito e o que é deslocado pela segmentação, demonstrando que esse fenômeno não é apenas formal, mas historicamente determinado.

O artigo que encerra o dossiê tem como título “Pedagogia da produção de podcast no ensino superior: relações entre fala/oralidade e escrita/letramento”. Nele, Luciani Tenani, Fabiana Komesu e Monica Macedo-Rouet, partindo de uma perspectiva linguístico-discursiva, buscam oferecer subsídios para uma discussão

teórica e aplicada sobre o uso e a criação de podcasts para fins acadêmicos, fazendo uma reflexão propositiva sobre a criação de podcasts no ensino superior. O objetivo do artigo é discutir o processo de produção do podcast acadêmico, tendo como eixo organizador uma reflexão sobre as relações entre fala e escrita e entre oralidade e letramento, entendidas como constitutivas dos podcasts. Essa discussão é feita tendo como horizonte uma conjuntura marcada pelo enfrentamento da desinformação e das fake news, em favor de uma educação científica de qualidade.

Nesse artigo, o leitor irá se deparar com uma importante discussão sobre as instabilidades da linguagem articulada pela reflexão sobre a constituição heterogênea do podcast, ou ainda, pela “problematização da heterogeneidade linguístico-discursiva de que o podcast é (e)feito”. Como defendem as autoras, o podcast é, ao mesmo tempo, um acontecimento de fala, reconhecido como evento de oralidade, mas que deve ser assumido, igualmente, como um evento de letramento, uma vez que se constitui atravessado também por informações linguísticas que circulam sob modo escrito de enunciação.

Além dos 10 artigos, o dossiê se constitui, adicionalmente, por entrevistas de três importantes pesquisadores, do campo dos estudos da linguagem, nomeadamente, Prof. Dr. Lourenço Chacon, Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni e Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa. Esses pesquisadores trazem à cena discussões de temas que atravessam os artigos do dossiê e, nessas discussões, também tematizam o instável da linguagem. Nessas entrevistas, os leitores terão oportunidade de conhecer um pouco melhor a trajetória acadêmica desses pesquisadores, além de expandir as discussões e os debates encontrados nos artigos sobre o instável da linguagem, desta feita sob uma nova ótica, já que as entrevistas permitem o desenvolvimento de reflexões calcadas não na produção científica *stricto sensu*, mas nas formulações analíticas dos autores, que dão abertura para outras possibilidades de sentido.

Com este dossiê comemorativo dos 25 anos do GPEL, apresentamos à comunidade acadêmica interessada no instável da linguagem, portanto, um conjunto de contribuições originais capaz de dar visibilidade ao estudo e ao tratamento teórico e metodológico deste conceito. O dossiê reúne reflexões teórico-práticas, com desdobramentos para diversos campos, não apenas para o campo dos estudos da linguagem, mas também os da educação e da saúde. Todas as contribuições apontam, ainda que de forma distinta, para o modo como a instabilidade se deixa ver em diferentes materialidades discursivas e como ela opera na produção/interpretação e na circulação dos sentidos, tensionando fronteiras entre o normal e o patológico, a regularidade e o desvio, a opacidade e a suposta transparência da língua/linguagem. Esperamos que os leitores possam apreciar as reflexões propostas e, sobretudo, ampliar a sua compreensão sobre a natureza do instável e dos modos como o instável mantém relação intrínseca e complexa com o que se pode definir como dimensões estáveis da linguagem.

Gostaríamos, por fim, de agradecer aos autores que encaminharam seus originais, aos pesquisadores que gentilmente nos concederam suas entrevistas, aos pareceristas e à equipe técnica da revista *Acta Scientiarum Language and Culture*, sem os quais a construção deste dossiê seria inviável.

Referências

- Benveniste, É. (2005). *Problemas de linguística geral I* (5a ed.). Pontes Editores.
- Benveniste, É. (2006). *Problemas de linguística geral II* (2a ed.). Pontes Editores.
- Benveniste, É. (2014). *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (2a ed.). Unesp.
- Benveniste, É. (2016). Singulier e pluriel. In I. Fenoglio, J.-C. Coquet, J. Kristeva, C. Malamoud; P. Quidnard. *Autour d'Émile Benveniste. Sur l'écriture* (1a ed., pp. 45-58). Seuil.
- Corrêa, M. L. G. (2013). Bases teóricas para o ensino da escrita. *Linguagem em (Dis)curso*, 13, 481-513. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322013000300003>
- Corrêa, M. L. G. (2004). *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Martins Fontes.
- Dik, S. (1997a). *The theory of Functional Grammar: Part I: the structure of the clause*. Mouton de Gruyter.
- Dik, S. (1997b). *The theory of Functional Grammar: Part II: complex and derived constructions*. Mouton de Gruyter.
- Kabatek, J. (2012). Tradição discursiva e gênero. In T. Lobo, Z. Carneiro, J. Soledade, A. Almeida, & S. Ribeiro. (Org.), *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. (p. 579-588). EDUFBA.
- Kabatek, J. (2005). Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis XXIX*, 2, 151-177.
- Hengeveld, K.; Mackenzie, J. L. (2008). *Functional Discourse Grammar: a typologically-based Theory of language structure*. Oxford University Press.

- Koch, P. (2008). Tradiciones discusivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced em español. In J. Kabatek (Ed.), *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico*. Iberoamericana.
- O'Grady, W. (2011). Relative clauses: processing and acquisition. In Kidd, E. (Ed.), *The acquisition of relative clauses: processing, typology and function* (pp. 13-38). John Benjamins.
- O'Grady, W. (2022). *Natural Syntax*: an emergentist primer. University of Hawai'i.
- Oliveira, R. L. (2025, 26 de março). *Brasil retoma sua produção científica com crescimento de 6%*. Maurício Grabois. <https://grabois.org.br/2025/03/26/producao-cientifica-brasil-cresce-6/>